



**University of
Zurich**^{UZH}

**Zurich Open Repository and
Archive**

University of Zurich
Main Library
Strickhofstrasse 39
CH-8057 Zurich
www.zora.uzh.ch

Year: 2019

A emergência de uma identidade literária em Portugal: entre história, textos e críticos

Ramos, Maria Ana

Abstract: A identidade literária em Portugal está normalmente agregada a Camões. É um facto que, já no séc. XVII, a épica camoniana beneficiava de algum êxito em âmbito ibérico e europeu e é também verdade que nos sécs. XVII e XVIII, Camões se tornara símbolo para a Restauração (1640) e ilustração de alguma respeitabilidade civilizacional. No entanto, foi o imaginário nacional, a nação histórico-linguística e a 'homerização' do poeta que, no séc. XIX, constituirão o alicerce e o arquivo do reconhecimento para uma produção literária escrita em português, digna de ser memorizada e engrandecida. Este ambiente exaltado, ao glorificar origens míticas, ao tecer predestinação divina, forja a 'lusitanidade' e reconstitui uma história e uma história literária, sem espaço para considerações metodológicas. É, contudo, um acaso que favorecerá a introdução do método filológico em Portugal com as primeiras análises científicas do texto literário português, sobretudo com Carolina Michaëlis. Circunscrevendo-me a algumas vozes, procurarei ilustrar a vitalidade do(s) discurso(s) sobre a história literária portuguesa (do português?) e a construção de uma identidade.

Posted at the Zurich Open Repository and Archive, University of Zurich

ZORA URL: <https://doi.org/10.5167/uzh-192144>

Journal Article

Published Version

The following work is licensed under a Publisher License.

Originally published at:

Ramos, Maria Ana (2019). A emergência de uma identidade literária em Portugal: entre história, textos e críticos. *Signum* : Revista da ABREM, 20(2):95-115.

A EMERGÊNCIA DE UMA IDENTIDADE LITERÁRIA EM PORTUGAL. ENTRE HISTÓRIA, TEXTOS E CRÍTICOS

THE EMERGENCE OF A LITERARY IDENTITY IN PORTUGAL. BETWEEN HISTORY, TEXTS, AND CRITICS

Maria Ana Ramos*
Universität Zürich
maramos@rom.uzh.ch

Resumo: A identidade literária em Portugal está normalmente agregada a Camões. É um facto que, já no séc. XVII, a épica camoniana beneficiava de algum êxito em âmbito ibérico e europeu e é também verdade que nos sécs. XVII e XVIII, Camões se tornara símbolo para a *Restauração* (1640) e ilustração de alguma respeitabilidade civilizacional.

No entanto, foi o imaginário nacional, a nação histórico-linguística e a 'homerização' do poeta que, no séc. XIX, constituirão o alicerce e o arquivo do reconhecimento para uma produção literária escrita em português, digna de ser memorizada e engrandecida. Este ambiente exaltado, ao glorificar origens míticas, ao tecer predestinação divina, forja a 'lusitanidade' e reconstitui uma *história* e uma *história literária*, sem espaço para considerações metodológicas. É, contudo, um acaso que favorecerá a introdução do método filológico em Portugal com as primeiras análises científicas do texto literário português, sobretudo com Carolina Michaëlis. Circunscrevendo-me a algumas vozes, procurarei ilustrar a vitalidade do(s) discurso(s) sobre a *história literária* portuguesa (do português?) e a construção de uma identidade.

Palavras chave: Identidade literária; Portugal; História literária; Método filológico

Abstract: Literary identity in Portugal is usually associated with Camões. It is a fact that, already in the 17th century, Camões' epic enjoyed some success in the Iberian and European area. Furthermore, during the 17th and 18th centuries, Camões had become a symbol for the *Restauração* (1640) and an illustration of some civilizational respectability.

However in the 19th century, it was the national imagination, the historical-linguistic nation and the 'homerization' of the poet that will constitute the foundation and the archive of recognition for a literary production written in Portuguese, worthy of being memorized and praised. This exalted environment, by glorifying mythical origins, by worshipping divine predestination, forges a 'lusitanity' and reconstitutes a *history* and a *literary history*, with no opportunity for methodological considerations. It is, however, a coincidence that will favour the introduction of the philological method in Portugal with the first scientific analyses of the Portuguese literary text, especially with Carolina Michaëlis. Circumscribing myself to a few voices, I will try to illustrate the vitality of the discourse (s) on Portuguese (of the Portuguese) literary history and the construction of an identity.

Keywords: Literary identity; Portugal; Literary history; Philological method

* Este estudo integra-se no âmbito das atividades realizadas no *Projecto de investigación Paleografía, Lingüística y Filología. Laboratorio on-line de la lírica gallego-portuguesa* (FFI2015-68451-P), subvencionado pelo *Ministerio de Economía e Competitividad, Espanha*, e cofinanciado com Fundos FEDER (*Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional*) e no Projeto de investigação *STEMMA* (PTDC/LLT-EGL/30984/ 2017), financiado pela *Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT)*, Portugal.

1. A identidade literária em Portugal está normalmente agregada a Camões, figura incontornável de uma magnificência cultural, a exemplo do castelhano com a *lingua de Cervantes*, do italiano e a *lingua de Dante*, ou do francês, *langue de Molière*.¹

É um facto que ainda nos finais do séc. XVI, a produção camoniana beneficiava de algum sucesso editorial. Não nos restando manuscritos autógrafos de Camões, o exercício reconstitutivo decorre para a época das duas primeiras edições de *Os Lusíadas*, datadas de um mesmo ano (1572) e autenticadas por um mesmo impressor em Lisboa, António Gonçalves.² Ainda não está suficientemente determinado se estes dois exemplares – duas edições, duas tiragens – correspondem a mais de um momento diferenciado de composição tipográfica.³ Se podemos conjecturar para a épica uma publicação ainda em vida de Camões, a sua produção lírica é apenas dada a conhecer postumamente, em 1595.⁴

¹ É de conhecimento geral a possível substituição de um idioma por uma frase periférica que evoque essa língua, ao usar o nome de um dos seus autores mais ilustre. A construção é sempre do tipo «língua de...», seguida pelo nome do autor escolhido (grego, *língua de Homero*, latim, *língua de Cícero*, *língua de Virgílio*, etc.).

² Qualquer um dos exemplares proporciona a indicação da impressão em Lisboa, com licença da Sancta Inquisição, e do Ordinário, em casa de António Gonçalves Impressor, 1572 (CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas* de Luis de Camões. Lisboa: em casa de Antonio Gõçalvez, 1572. Disponível em: <<http://purl.pt/1>>. Edição *princeps*, conhecida por edição 'Ee', distingue-se pelo sétimo verso da primeira estância, *E entre gente remota edificarão*. (na portada, a cabeça do pelicano está voltada para a esquerda do observador); CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas* de Luis de Camões. Lisboa: em casa de Antonio Gõçalvez, 1572. Edição *princeps*, conhecida por edição 'E', distingue-se pelo sétimo verso da primeira estância, *Entre gente remota edificaram* (na portada, a cabeça do pelicano está voltada para a direita do observador). Disponível em: <<http://purl.pt/14997>>. Com a publicação dos comentários a *Os Lusíadas* de Manuel Faria e Sousa (FARIA E SOUSA, Manuel de. *Lusíadas de Luis de Camoens...* Comentadas por Manuel de Faria i Sousa, Cavallero de la Orden de Christo, i de la Casa Real, 4 tomos em 2 vols, En Madrid: por Iuan Sanchez: a costa de Pedro Coello, mercador de libros, 1639. Disponível em: <<http://purl.pt/23676>>) foram dados a conhecer manuscritos, que contêm versões diferenciadas de algumas passagens da obra, sem ser ainda claro se se trata de estâncias apócrifas, de variantes posteriores, ou efetivamente de redações primitivas (TOCCO, Valeria. *Lusíadas (Os)*. In: *Dicionário de Luís de Camões*. Coordenação V. Aguiar e Silva. Lisboa: Caminho, 2011. p. 524-529.; LISBOA, João Luís. Uma, duas, quantas edições? *Cultura*, v. 33; *online* a 18 abril 2016 [2014]. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/cultura/2378>; DOI: 10.4000/cultura.2378>).

³ As poucas dezenas de exemplares conhecidos ainda não se encontram suficientemente descritos do ponto de vista material para que possamos obter uma resposta mais ou menos definitiva sobre a sua composição. Dado que à data da edição (1572), Camões ainda estaria vivo, é legítimo interrogarmos sobre a sua implicação na publicação da sua obra. Consulte-se a este propósito o trabalho comparativo efetuado por K. D. Jackson (JACKSON, Kenneth David. *Luís de Camões and the First Edition of 'The Lusíadas'*, CD-ROM, Hanover: Dartmouth, Center for portugueses Studies and Cultures, University of Massachusetts, 2003.; JACKSON, Kenneth David. Edição *Princeps* d'*Os Lusíadas*. In: *Dicionário de Luís de Camões*. Coordenação V. Aguiar e Silva. Lisboa: Caminho, 2011. p. 327-334).

⁴ As *Rhythmas* de Luis de Camões são editadas por Manuel de Lira em Lisboa, (CAMÕES, Luís de. *Rhythmas de Luis de Camoes, diuididas em cinco partes...*, Em Lisboa: por Manoel de Lyra: a custa de

Em âmbito ibérico, quando é dada a público a edição das *Rimas*, eram já conhecidas, além das mencionadas edições de *Os Lusíadas* (1572), as censuradas de 1584 e 1591, o que, de algum modo, não deixa de sublinhar certo sucesso, embora não se possa pensar na circulação de um grande número de exemplares.⁵

Além destes empreendimentos, é já com Portugal integrado na coroa castelhana, que, logo após o falecimento do poeta, vamos encontrar em Espanha as primeiras traduções de *Os Lusíadas* em ambiente favorecido pela dinastia filipina.⁶ Efetivamente, poucos anos depois de 1572, são difundidas em Espanha versões, a primeira delas de Benito Caldera, em Alcalá de Henares (*Los Lusíadas...* 1580) e a segunda de Luys Gómez de Tapia, em Salamanca (*La Lusíada...* 1580), seguidas de outra, *Los Lusíadas...* datada de 1591 de Henrique Garces.⁷

Esteuão Lopez, 1595. Disponível em: <<http://purl.pt/14880>>), no mesmo ano em que publica também as obras de Francisco de Sá de Miranda (*Obras do celebrado lusitano o Doutor Frãcisco de Sá de Mirãda*. Collegidas por Manoel de Lyra, [Lisboa]: Manoel de Lyra, 1595).

⁵ A censura inquisitorial (1536-1624) não pôde deixar de ter atuado e condicionado a divulgação da obra camoniana. Se a poesia lírica levantaria reservas em relação a textos com “desonestidades” e “amores profanos”, os próprios *Os Lusíadas* não são publicados sem a supervisão inquisitorial como... *com licença da Sancta Inquisição* em 1572...; ... *com licença do Supremo Conselho da Sancta e Geral Inquisição...*, Manoel de Lyra, 1584; e ... *com licença do Supremo Conselho da Sancta e Geral Inquisição...*, Manoel de Lyra, 1591 (CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas* de Luis de Camões. Agora de nouo impresso com algu[m]as anotações de diuersos autores. Em Lisboa: por Manoel de Lyra, 1584 [Edição dos Piscos]. Disponível em: <<http://purl.pt/17473>>. CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas* de Luis de Camões. Agora de nouo impresso com algu[m]as anotações de diuersos autores. Em Lisboa: por Manoel de Lyra. Disponível em: <<http://purl.pt/14689>>). Cf. MARTINS, Maria Teresa Esteves Payan. *A censura literária em Portugal nos séculos XVII e XVIII*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian - Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2005.

⁶ A dinastia filipina, ou dinastia de Habsburgo, regeu Portugal durante o período de união entre os dois reinos. Os três reis da Monarquia Dual governaram Portugal entre 1580 (ano provável da morte de Camões) e 1 de dezembro de 1640, data da restauração da independência portuguesa: Filipe I de Portugal (II de Espanha, 1580-1598); Filipe II de Portugal (III de Espanha, 1598-1621) e Filipe III de Portugal (IV de Espanha, 1621-1640). O perfil cultural de Filipe I, entre príncipe e mecenas, que explica o ambiente das publicações de *Os Lusíadas* em castelhano, é bem conhecido (BOUZA, Fernando. *D. Filipe I*, Lisboa: Círculo de Leitores e Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa, 2005. p. 262-289). O empenho do rei, ao proporcionar tenças à mãe de Camões (Ana de Sá), legitima o prestígio do poeta, logo após o falecimento (alvarás de Filipe I, datados de 31 de maio de 1582 e de 5 de fevereiro de 1585) (JUROMENHA, Visconde de [José António de Lemos Pereira de Lacerda]. *Obras de Luiz de Camões: precedidas de um ensaio biographico, no qual se relatam alguns factos não conhecidos da sua vida augmentadas com algumas composições ineditas do poeta pelo ...*, 6 vols. Lisboa: Imprensa Nacional, 1860-1869).

⁷ *Los Lusíadas de Luys de Camoes*. Traduzidos en Octaua Rima Castellana por Benito Caldera, Residente En Corte, Impresso en Alcalá de Henares: por Iua[n] Gracian, 1580. Disponível em: <<http://purl.pt/23629>>. *La Lusíada de el Famoso Poeta Luys de Camões*. Traduzida en Verso Castellano de Portugues, por el Maestro Luys Gomez De Tapia Vezino De Seuilla; Dirigida Al Illustrissimo Añor Ascanio Colona, Abbad De Sancta Sophia, En Salamanca: en casa de Ioan Perier, Impressor de Libros, 1580. Disponível em: <<http://purl.pt/23635>>. *Los Lusíadas de Luys de Camoes*.

Se este êxito é visível nos circuitos castelhanos, pode dizer-se que Camões beneficiava também em Portugal – sob domínio estrangeiro – de algum prestígio entre a reconstrução biográfica de louvor e glorificação ao «Grande Luis de Camoens. Príncipe da Poesia Heroica» (*Os Lusíadas...1613*) e a dimensão paródica com as *Festas Bacanais*, que não deixa de ser também uma forma de escrita elogiosa (Freire *et al.* 1589).⁸

Se o contexto político sob a Monarquia Dual concorreria para erguer o texto de Camões a símbolo nacional, pode também entender-se a proliferação de citação, glosa, reprodução e apropriação da escrita camoniana. É uma evidência que é ainda em Espanha e em castelhano que Manuel de Faria e Sousa (1590-1649) publica a monumental edição de *Lusíadas*, acompanhada de comentários, do «Príncipe de los Poetas de España» em 1639, dedicando-a a «Al Rey N. Señor Felipe IV El Grande» (1639). Já Manuel Severim de Faria (1582-1655), bibliófilo e historiador, se exprimia também como camonista em âmbito eborense e nacional, valorizando a língua portuguesa e figuras como Camões (1624). Este intercâmbio cultural deve ser

Traduzidos de Portugues en Castellano por Henrique Garces; Dirigidos A Philippo Monarcha Primero De Las Españas, Y De Las Indias, En Madrid: en casa de Guillermo Drouy, impressor de libros, 1591. Disponível em: <<http://purl.pt/23641>>. Deve notar-se que esta divulgação da obra épica de Camões em Espanha está associada aos círculos poéticos e à intervenção de Filipe. Benito Caldera comparece como «residente en Corte», dedicando a obra a Hernando de Vega, inquisidor; Luys Gomez de Tapia, endereça-a a Ascanio Colonna (1560-1608), cardeal italiano e homem de Estado ao serviço de Felipe II de Espanha; e, por fim, Henrique Garces dirige a sua obra a Filipe, monarca das Españas (ANASTÁCIO, Vanda. Leituras potencialmente perigosas: reflexões sobre as traduções castelhanas de *Os Lusíadas* no tempo da União Ibérica. *Revista Camoniana*, Bauru/SP: EDUSC, 3.ª série, n.º 15, 2004. p. 159-178. P. Serra faculta-nos uma visão bastante pormenorizada sobre a receção de Camões na literatura espanhola (SERRA, Pedro. Receção de Camões na literatura española. In: *Dicionário de Luís de Camões*. Coordenação V. Aguiar e Silva. Lisboa: Caminho, 2011. p. 772-793).

⁸ *Os Lusíadas do grande Luis de Camoens. Príncipe da Poesia Heroica*. Commentados pelo Licenciado Manoel Correa, Examinador synodal do Arcebispado de Lisboa...; dedicados ao Doctor D. Rodrigo d'Acunha, Inquisidor Apostolico do Santo Officio de Lisboa per Domingos Fernandez seu livreyro. Em Lisboa: Por Pedro Crasbeeck, 1613. Disponível em: <<http://purl.pt/21863>>. Pedro de Mariz (1562/1569-1615), bibliotecário e historiador, é autor do primeiro esboço biográfico sobre Camões, trinta e três anos após a morte do poeta, que acompanhou a edição de *Os Lusíadas Commentados pelo Licenciado Manoel Correa* (1613). Este interesse em tom laudatório manifesta já de algum modo um sentimento de identidade nacional. O exercício imitativo pode ser exemplificado, poucos anos após a publicação de *Os Lusíadas* (1572). Em Évora, Manuel Luis Freire, Bartolomeu Varela e Luiz Mendes de Vasconcelos, constroem uma paródia ao primeiro canto de *Os Lusíadas*, que se conservou em múltiplos manuscritos (FREIRE, Manuel Luis, VARELA, Bartolomeu, VASCONCELOS, Luís Mendes. *Primeiro canto, das Lusíadas do insigne poeta Luis de Camones, tradusido a bebediçe* [manuscrito, BN CAM. 407//6 P.], 1589. Publ.: *Paródia ao primeiro canto dos Lusíadas de Camões*. Porto: Typ. da E. Formosa, 1845). Cf. MARTINS, J. Cândido de Oliveira. Paródias d'*Os Lusíadas*. In: *Dicionário de Luís de Camões*. Coordenação V. Aguiar e Silva. Lisboa: Caminho, 2011. p. 659-667.

sublinhado pelo bilinguismo literário, usado por vários autores, apesar de a língua constituir já, de algum modo, um potente fator de identidade nacional.⁹

Mas o acolhimento do período barroco, sensível ao procedimento da *imitatio* e da *repetitio*, não pôde deixar de se sentir empolgado pelo texto lírico camoniano.¹⁰ É assim que Camões se tornará símbolo para a *Restauração* (1640) e ilustração de alguma respeitabilidade civilizacional.

A desaprovação e a polémica, embora pudessem já ser notadas em momentos anteriores, como com Manuel Pires de Almeida (1597-1655),¹¹ serão severas e radicais com Luís António Verney (1713-1792), que não hesitará na sua carta VII (1746), dedicada à Poesia, em caracterizar os portugueses como «meros versejadores», como aqueles que «nam conheceram as leis do poema Epico», e esse

⁹ FARIA E SOUSA, Manuel de. *Lusíadas de Luis de Camoens...* Comentadas por Manuel de Faria i Sousa, Cavallero de la Orden de Christo, i de la Casa Real, 4 tomos em 2 vols, En Madrid: por Iuan Sanchez: a costa de Pedro Coello, mercador de libros, 1639. Disponível em: <<http://purl.pt/2367601>>; FARIA, Manuel Severim de. *Discursos varios politicos* por Manoel Severim de Faria, Chantre, & Conego na Santa Sê de Euora, Evora: impressos por Manoel Carvalho, impressor da Universidade, 1624. Disponível em: <<http://purl.pt/966>>. São conhecidos os empenhos de António Ferreira com os seus *Poemas Lusitanos*, publicados postumamente por seu filho em 1598, mas dedicados ao rei Filipe (FERREIRA, António. *Poemas Lusitanos do Doutor Antonio Ferreira. Dedicado Por Seu Filho Miguel Leite Ferreira ao Principe D. Phillippe, Nosso Senhor*. Em Lisboa: por Pedro Crasbeeck: a custa de Esteuão Lopez, 1598, disponível em: <<http://purl.pt/12117>>]. Mas também Duarte Nunes de Leão, não deixando de dedicar a sua obra ao rei castelhano, escreverá a *Origem da Língua Portuguesa* (LEÃO, Duarte Nunes. *Origem da Lingoa Portuguesa*. Per Duarte Nunez de Lião, Desembargador da Casa da Supplicação, Natural da Inclyta Cidade de Evora: Dirigida a El Rei Dom Philippe o II de Portugal Nosso Senhor. Em Lisboa: Impresso por Pedro Crasbeeck, 1606, disponível em: <<http://purl.pt/50>>. e João de Barros, *Diálogo em louvor da nossa linguagem* na sua *Gramática da Língua Portuguesa* (BARROS, João de. *Grammatica da Lingua Portuguesa*. Olyssipone: apud Lodouicum Rotorigiu[m], Typographum, 1540. Contém no final da obra, *Dialogo em louuor da nossa linguagem*, fls. 50-60), disponível em <<http://purl.pt/1214>>. Sobre o bilinguismo literário, é significativa a reflexão de I. Castro (CASTRO, Ivo. Sur le bilinguisme littéraire castillan-portugais. In: *La littérature d'auteurs portugais en langue castillane. Arquivos do Centro Cultural Calouste Gulbenkian*, vol. XLIV. Lisboa-Paris: Centre Culturel Calouste Gulbenkian, 2002. p. 11-23 e sobre a questão da língua em Portugal o de Stegagno Picchio (STEGAGNO PICCHIO, Luciana. La question de la langue au Portugal. In: *La Méthode Philologique. Écrits sur la Littérature Portugaise, II. La prose et le théâtre*. Paris: Fondation Calouste Gulbenkian. Centre Cultural Português, 1982. p. 281-313).

¹⁰ PIRES, M. Lucília Gonçalves Pires. *A crítica camoniana no século XVII*. Lisboa: Inst. de Cultura e Língua Portuguesa, 1982.

¹¹ Além de comentários à obra de Camões, que originaram polémicas importantes com Severim de Faria, Soares de Brito, João Franco Barreto, Faria e Sousa, Manuel Pires de Almeida traduziu e comentou a *Poética* de Aristóteles e redigiu um conjunto de estudos literários e filosóficos (PIRES, M. da Conceição Ferreira. *Os académicos eborenses na primeira metade de Seiscentos: A Poética e a autonomização do literário*. Lisboa: Colibri; Évora: Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedade da Universidade, 2006).

desconhecimento «prova-se com Camoens».¹² Mas, mesmo assim, estão criadas as condições para a edificação de um poeta nacional entre as referências encomiásticas e a justa medida da crítica, posicionando-o no contexto em que a obra foi produzida. Deste modo, Camões está pronto para assumir o papel que o romantismo lhe vai atribuir.

2. No entanto, foi o imaginário nacional, a nação histórico-linguística e a ‘homerização’ do poeta que, no séc. XIX, constituirão o alicerce e o arquivo do reconhecimento para uma produção literária escrita em português, digna de ser memorizada e engrandecida. Esta tomada de consciência – edificação e legitimação de uma *história* validada por uma genealogia – pouco se desvia do que ocorria, quase nas mesmas datas, com os processos identitários do Brasil (origens privilegiadas, formulações autoglorificadoras, narrativas apologéticas).¹³

Este ambiente exaltado, ao glorificar origens míticas, ao tecer predestinação divina, ao engendrar memórias nacionais, forja uma ‘lusitanidade’ e reconstitui uma *história* e, sobretudo, uma *história literária*, sem espaço para muitas considerações metodológicas. É um facto que será Almeida Garrett (1799-1854) que, na busca de um passado genuíno, refundirá o teatro português, inovará o lirismo e edificará a prosa moderna, tornando-se um exemplo indissociável entre o homem político, o homem escritor e o homem cidadão, implicado tanto na vida cívica, como na intelectual. A escrita é um ato, poderíamos dizer, lutador. Resgatar um passado

¹² VERNEY, Luís António. *Verdadeiro Metodo de Estudar: Para ser util à Republica, e à Igreja: Proporcionado Ao Estilo, e necessidade de Portugal. Exposto em varias Cartas*, Escritas Polo [Sic] R. P. Barbadinho Da Congregasam De Italia, Ao R. P. Doutor na Universidade de Coimbra; Tomo Primeiro [-Segundo], Valensa [Nápoles]: na oficina de Antonio Balle [Genaro e Vicenzo Muzio], 1746. Disponível em: <<http://purl.pt/118>>. Cf. ANASTÁCIO, Vanda. A criação de um poeta nacional: breve panorâmica das edições da lírica camoniana entre 1595 e 1870. *Floema*, ano VI, 2010, n. 7, p. 61-74. Disponível em: <<http://periodicos2.uesb.br/index.php/floema/article/view/1787>>. SOBREAL, José Manuel. *Portugal e Portugueses: Uma Identidade Nacional*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2012.

¹³ A emergência dos movimentos românticos incentiva naturalmente à construção de um reconhecimento brasileiro, quer no plano cultural, como no literário. A identidade estará ligada às origens com o índio divinizado (note-se como o negro não comparece ainda como elemento identitário), e a lugares, tempos e pessoas não marcados pela intervenção de colonos. Podemos recordar a obra dos poetas Gonçalves Dias (1823-1864), Álvares de Azevedo (1831-1852), dos dramaturgos Luís Carlos Martins Pena (1815-1848), ou José de Alencar (1829-1877), construindo-se assim o conceito de uma ‘nacionalidade brasileira’, separada de resquícios europeus.

desconhecido, reaver as memórias que são dignas de reminiscência.

Não apenas o seu poema, simbolicamente denominado *Camões*, nos primeiros anos do século (1825),¹⁴ mas também na rememoração do país que se dissipara com Alcácer-Quibir (*Frei Luís de Sousa* 1843)¹⁵ e na restituição de romances identitários, de narrativas, que dariam energia a uma *Pátria*, que bem carecia de representações fundacionais (*Miragaia* 1843; 1844).¹⁶

Um país arcaico, dependente da agricultura, vinculado ao moralismo católico e ainda pouco sarado da independência do Brasil, carecia da modernidade que aportavam as ideias reformadoras. Este ambiente, entre absolutistas e liberais, entre tradição e progresso, deixará marcas indeléveis na configuração cultural do país que muito desiludia.

Esta *Pátria* necessitava de uma *história literária*, de uma *história da poesia*. É neste urgir memorial que Almeida Garrett, vai em 1826, publicar o *Bosquejo da*

¹⁴ *Camões* é um poema lírico narrativo, datado do primeiro exílio de Almeida Garrett, considerado como a primeira obra romântica da produção literária portuguesa, servindo-se de momentos biográficos relacionados com a composição de *Os Lusíadas*, com um *incipit* que apela a «Saudade! Gosto amargo de infelizes, / Delicioso pungir de acerbo espinho», ao rever um Camões desterrado, poeta de uma Pátria igualmente perdida (GARRETT, João Baptista da Silva Leitão de Almeida. *Camões: Poema*. Paris: Livraria Nacional Estrangeira, 1825. Disponível em: <<http://purl.pt/16>>.).

¹⁵ *Frei Luís de Sousa*, inspirado num episódio datado do séc. XVII (resistência à ocupação filipina), ressuscita no séc. XIX a dimensão identitária, a ideia de nação, uma pátria autêntica e a reativação do mito messiânico sebastianista. É o próprio Garrett que o afirma nas notas ao discurso apresentado à *Memória ao Conservatório Real* (6 de maio de 1843): “...Quando a historia for verdadeiramente o que deve ser – e ja tende para isso – hade fallar menos em batalhas, em datas de nascimentos, casamentos e mortes de principes, e mais na legislação, nos costumes e na litteratura dos povos. – Quem vier a escrever e a estudar a historia d’este nosso seculo nem a intenderá nem a fara intender decerto, se o não fizer pelos livros dos sabios, dos poetas, dos moralistas que caracterizam a epocha, e são ao mesmo tempo causa e effeito de seus mais graves successos” (GARRETT, João Baptista da Silva Leitão de Almeida. *Frei Luiz de Sousa: Drama: Representando, A primeira vez, em Lisboa, por uma Sociedade Particular, No Theatro de Quinta do Pinheiro em quatro de Julho de MDCCCXLIII*. Porto: Ferreira dos Santos [1843] (Lisboa: Imp. Commercial).; GARRETT, João Baptista da Silva Leitão de Almeida. *Frei Luiz de Sousa*. Fac-simile da Edição da Quinta do Pinheiro. Lisboa: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 1993. p. 169, nota G].

¹⁶ *Miragaia* recupera também um episódio fundacional, prévio à formação de Portugal, exaltando o tempo da Reconquista e uma linhagem prestigiada, ligada ao Rei Ramiro II de Leão (900-965). Justificar a relação do rei Ramiro com uma princesa árabe, explicaria não apenas o castigo infligido à rainha cristã por adultério, como legitimaria a nova descendência resultante da união do rei cristão e de uma estrangeira (GARRETT, João Baptista da Silva Leitão de Almeida. *Romanceiro e Cancioneiro Geral*. Lisboa Typ. da Soc. Propagadora dos Conhecimentos Úteis, 1843.; GARRETT, João Baptista da Silva Leitão de Almeida. *Miragaia: Romance Popular*. Pelo A. de Adozinda, Bernal Francez, Etc.; Il. Bordallo e Coelho. Lisboa: Typ. da Soc. Propagadora dos Conhecimentos Úteis, 1844.; RAMOS, M. Ana. *Hestorja dell Rej dom Ramjro de lleom...Nova versão de A Lenda de Gaia. Critica del Testo [Romània romana. Giornata di studi in onore di Giuseppe Tavanì]*, VII /2, 2004. p. 791-843).

História da Poesia e Língua Portuguesa, em formato introdutório à antologia de poesia portuguesa *Parnaso Lusitano*. No exercício de construção de notoriedade, encontramos-nos perante uma forma de observação crítica a uma produção literária que eleva à consciência nacional os textos dos mais ilustres (amor à *Pátria* através das vozes mais altas). Uma *história da poesia* feita mais de vozes de *Autores* do que de *Textos*.

Embora responsável pela introdução das correntes românticas em Portugal e pela transmissão do pensamento de outros (Byron, Lamartine, Victor Hugo, Schlegel, Walter Scott, M^{me} de Staël, Herder, Schiller, Goethe), pode dizer-se que estavam, com a escrita de Garrett e com o seu empenho, engendradas as fundações para o aparecimento da denominada *Geração de 70*.¹⁷

De certa maneira, pode considerar-se que esta geração vai contribuir para a exaltação de Camões e de *Os Lusíadas*, mesmo se esta apreciação será bastante desaprovada tanto por Oliveira Martins, como por Antero de Quental. Encontrávamo-nos perante o epitáfio da nação, dizia Antero e Oliveira Martins não deixava de sublinhar: «Camões escreveu um poema que foi um epitaphio, porque a sociedade que cantou acabou com elle... Se o Centenário ficar como expressão nova de uma bazófia velha, melhor fora não se ter feito».¹⁸ E ainda mais: «O poema ficou desde então gravado na alma nacional como o epitaphio da nação que encontrava ali os impulsos que a tinham movido»; «Portugal acaba; *Os Lusíadas* são um epitaphio».¹⁹

¹⁷ A *Geração de [18]70 (Geração de Coimbra)* resulta de um movimento universitário na cidade de Coimbra que modificou e questionou inúmeros aspetos da política e da literatura portuguesas (literatura, educação, religião e política), que conduzirá à introdução do realismo. Entre outros, Antero de Quental (1842-1891), Eça de Queirós (1845-1900), Oliveira Martins (1845-1894), Ramalho Ortigão (1836-1915), foram os elementos mais ativos do grupo.

¹⁸ QUENTAL, Antero de. *Considerações sobre a Philosophia da Historia Litteraria Portugueza (a proposito d'alguns livros recentes)*. Porto/Braga: Livraria Internacional de Ernesto Chardron e Eugenio Chardron, 1872. p. 30.; MARTINS, J. P. de Oliveira. *Camões, Os Lusíadas e a Renascença em Portugal*. Porto: Livraria Internacional de Ernesto Chardron, 1891. p. XI.

¹⁹ MARTINS, J. P. de Oliveira. *Camões, Os Lusíadas e a Renascença em Portugal*. Porto: Livraria Internacional de Ernesto Chardron, 1891. p. 108.; MARTINS, J. P. de Oliveira. *Literatura e Filosofia*. Lisboa: Guimarães Editores, 1955 [1880]. p. 179. Na euforia das comemorações do tricentenário da morte de Camões, Antero de Quental considerava em 1881 que *Os Lusíadas* aclamavam «a glória e o génio dum povo, no momento preciso em que essa glória se eclipsa»; «Ha nações para as quaes a Epopeia é ao mesmo tempo o epitaphio» (QUENTAL, Antero de. *Prosas II*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1926. p. 309).

A este cepticismo, instala-se uma forte dinâmica com a comemoração do terceiro centenário da morte de Camões (1580-1880). Uma celebração patriótica, nacionalista, triunfal e simbólica, que serviria de suporte aos ideais republicanos. Um dos impulsionadores mais ativos, Teófilo Braga (1843-1924), promove uma comissão para que se propusesse ao parlamento a criação do dia 10 de junho como data de festa nacional.²⁰ A Camões estava associado Vasco da Gama e os festejos incluíam a transladação dos restos mortais do navegador e do poeta para o Mosteiro dos Jerónimos. O cortejo adequa-se à conceção romântica, mas renova também a dimensão épica da história portuguesa passada, dado que o presente se evidenciava pela decadência, e pela humilhação, que se materializaria com o *Ultimatum* da Inglaterra a Portugal em 1890.²¹ Para Teófilo Braga, esta comemoração camoniana consentia uma tomada de consciência e a obtenção de uma forma de engrandecimento nacional, de revivescência, mostrando, como através do exemplo do passado com o culto da personalidade, se poderia dignificar uma pátria em perdição. Camões, mais do que *Autor*, era um herói, um patrono cívico, o exemplo de um grande homem.²² Por outro lado, toda esta apoteose, coroada pelo retorno à grandeza do passado, não estava distanciada também do regresso a África. A epopeia e Camões erigiram um Portugal moderno e majestoso, como se o país tivesse sido investido por uma missão histórica. A recapitulação do período áureo dos descobrimentos – séc. XVI – dava sustento ao período oitocentista

²⁰ Joaquim Teófilo Fernandes Braga (1843-1924), poeta, pensador, ensaísta literário. Da sua produção, notam-se obras de história literária, de etnografia, de poesia, ficção e de filosofia, sendo considerado como o introdutor do Positivismo em Portugal. Principal promotor do terceiro centenário das comemorações camonianas, exerceu também o cargo de Presidente da República durante alguns meses em 1915. A menção à celebração do dia 10 de junho data justamente de 1880, através de um decreto real do rei D. Luís que declara o *Dia de Festa Nacional e de Grande Gala* (27 de abril de 1880) para comemorar apenas nesse ano os 300 anos da hipotética data da morte de Luís de Camões, a 10 de junho de 1580. Não deixa de ser relevante que Portugal, neste momento, instaura o seu dia nacional com uma data relacionada com a Cultura – a morte do poeta –, e não com um facto de história política.

²¹ O *Ultimatum* de 1890 foi emitido pelo governo britânico, entregue a 11 de janeiro desse ano, exigindo que Portugal efetuasse a retirada das tropas no território compreendido entre as colónias de Moçambique e Angola (atuais Zimbabwe e Zâmbia). A zona, reclamada por Portugal, correspondia ao *Mapa cor-de-rosa*, apresentado por Portugal na Conferência de Berlim (15 de novembro de 1884).

²² BRAGA, Teófilo. *Os centenários como synthese affectiva nas sociedades modernas*. Porto: Silva Teixeira, 1884.; BRAGA, Teófilo. *Camões e o Sentimento Nacional*. Porto: E. Chardron, Lugan & Genelioux, 1891.

entre prostração nacional e declínio pré-republicano.

Podemos considerar que o comentário à obra literária – *Os Lusíadas*, epopeia portuguesa e europeia – passa, sobretudo até este momento, pelo perfil biográfico do *Autor* pelas suas façanhas, pelo percurso do poeta, pelo inventor da nacionalidade, transformando-o num símbolo politizado. A *obra* não seria mais do que um reflexo da *vida* do poeta que a escreveu. Uma identificação nacional desenvolverá um Camões ajustável aos poderes em vigor (romantismo, neogarrettismo, decadentismo, saudosismo, integralismo, Monarquia absoluta, Monarquia liberal, Primeira República (1910-1926), Estado Novo (1926-1974), etc.), como se o poeta não se pudesse restringir a uma competição partidário-política.²³

3. É, no entanto, um acaso que favorecerá a introdução em Portugal de uma metodologia que privilegiará a crítica da obra e não o elogio do seu criador. A introdução do método filológico, de inspiração germânica, com as primeiras análises científicas do texto literário escrito em português, é fundamentalmente devida a Carolina Michaëlis.²⁴

²³ A construção da nação edificava-se através dos símbolos, de rituais, de celebrações, de monumentos, de políticas de língua, mas sobretudo também através do produto literário. A identidade nacional portuguesa construía-se no contexto das identidades múltiplas e Portugal tinha de se autonomizar como grande nação, responsável pelo novo mundo, pela sua dimensão civilizacional e pela construção de uma obra como *Os Lusíadas* (CUNHA, Carlos Manuel Ferreira da. *A Construção do Discurso da História Literária na Literatura Portuguesa do Século XIX*. Braga: Universidade do Minho. Centro de Estudos Humanísticos, 2002.; CUNHA, Carlos Manuel Ferreira da. *Escrever a nação: literatura e nacionalidade (uma antologia)*. Guimarães: Opera Omnia, 2011.). Até ao 25 de abril de 1974 (implantação da democracia em Portugal), a designação, além de *Dia de Camões*, associava também o *Dia de Portugal e o da Raça*, resultando este último qualificativo, criado no ambiente de propaganda ao Estado Novo e à força militar, como forma de justificar o poder colonial. Mantendo a denominação, *Dia de Portugal, de Camões*, o regime democrático considerou-o também como dia das *Comunidades Portuguesas*.

²⁴ Vários são os ensaios que têm insistido e posto em evidência o importante papel desempenhado por C. Michaëlis na aplicação do método filológico a textos literários em português (MICHAËLIS DE VASCONCELLOS, Carolina. *Lições de Filologia Portuguesa, seguidas das Lições Práticas de Português Arcaico*. Reimp. Lisboa: Dinalivro, s.d. p. 137-138). Isolo neste contexto, os estudos de Y. F. Vieira (VIEIRA, Yara F.. Paixão e paciência: Carolina Michaëlis e a filologia. In: *Carolina Michaëlis e o Cancioneiro da Ajuda*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 2005. p. 13-43.; VIEIRA, Yara F.. Carolina Michaëlis e os Cancioneiros Galego-Portugueses. Conferência pronunciada na cerimónia de encerramento da exposição: *A Vida e a Obra de Carolina Michaëlis de Vasconcelos: evocación e homenaxe*. Biblioteca da Faculdade de Filologia da Universidade de Santiago de Compostela, 14 de abril de 2011. *Verba. Anuario Galego de Filoloxía*, vol. 38, 2011. p. 317-323. Disponível em:

O aparecimento dos cancioneiros galego-portugueses e a instalação do seu domicílio em Portugal dão-lhe acesso direto ao denominado *Cancioneiro da Ajuda*, aparentemente um fragmento de um cancioneiro, mas, na realidade um projeto inconcluso da mais antiga compilação, que subsistiu com pouco mais de três centenas de cantigas. O seu empenho acentuou-se tanto na descrição do códice miscelâneo (além do cancioneiro, contém o fragmento de uma transcrição do *Livro de Linhagens*), na leitura e transcrição das cantigas, na sua análise, como na edição crítica destas primeiras manifestações poéticas em língua galego-portuguesa. Entre a história e a crítica dos textos, a filóloga germânica, através da sua formação científica, vai procurar a melhor restituição possível de cada um dos textos das cantigas medievais, restaurando não apenas a configuração dos originais, mas erigindo um discurso argumentativo para a génese de uma *história literária* em português.

Assim, enquanto ainda se pretendia, sob os efeitos do romantismo, a construção de uma identidade nacional através de *nomes de autores*, Carolina Michaëlis procurava edificar a vitalidade de uma elucidação científica sobre a *obra de autores*.

Mas, talvez até mais do que esta relevância – reaver um património poético desconhecido –, era mostrar como a produção literária em português detinha capítulos relevantes, prévios a Camões. A euforia das comemorações do épico em 1870 não pôde deixar de a interpelar, levando-a a exprimir-se de forma bem

<<http://hdl.handle.net/10347/7301>>.) e permito-me reenviar também para a minha própria reflexão (RAMOS, M. Ana. Carolina Michaëlis e a edição crítica. Entre arte e método. In: *Carolina Michaëlis de Vasconcelos: uma homenagem*. Coord. Valéria Gil Condé, Lênia Márcia Mongelli, Yara Frateschi Vieira. S. Paulo: FFLCH-USP, Universidade de São Paulo, 2015. Disponível em: <http://www.usp.br/nehilp/livros/Carolina_Michaelis.pdf>; RAMOS, M. Ana. De quanta filologia precisa um linguista e de quanta linguística precisa um filólogo. In: E. Carrilho, A. M. Martins, S. Pereira & J. P. Silvestre (Org.) *Estudos Linguísticos e Filológicos Oferecidos a Ivo Castro*. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, texto 48, 2019. P. 1239-1301. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10451/39619>>. Por outro lado, dela não se pode dissociar outra figura importante para a implantação metodológica em Portugal, J. Leite de Vasconcellos, para quem método filológico incluía observação mais ampla: o exame da língua (da história da língua - glotologia, glótica, linguística e seus ramos - , com a estilística e a metrificação) e a análise do texto literário (história literária: 1) História da literatura (em sentido amplo), com a crítica literária, mas também quando se faz «aplicação prática da filologia, quando se edita criticamente, e se comenta, um texto» (VASCONCELLOS, José Leite de. *Lições de Filologia Portuguesa*, 4ª ed., enriquecida com notas do Autor, prefaciada e anotada por S. da Silva Neto. Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1966. p. 8-9).

contudente, e com opiniões assaz incisivas, acerca da divinização de Camões nos ambientes portugueses do séc. XIX.²⁵

Esta diligência na valorização camoniana e na tomada de consciência de uma identidade cultural coincidirá, quase em simultâneo, neste final do século, com as primeiras observações científicas da história, da descrição e da variação da língua portuguesa (Adolfo Coelho, Leite de Vasconcellos...)²⁶

²⁵ Assim, domiciliada já em Portugal, em 1882, questiona a fixação do cânone camoniano, não hesitando em criticar o procedimento de eruditos portugueses: «(...) Há perto de dois seculos que se imprimem nas obras de Camões uma grande quantidade de poesias que não lhe pertencem; há perto de dois séculos que se tirou a numerosos autores a sua legítima propriedade, estampando-lhes ainda na frente o ferrete que se aplica aos ladrões do trabalho alheio. Numerosos críticos têm repetido até hoje a acusação formulada por Faria e Sousa, quase sempre sem consciência do facto, sem terem exame próprio. Deste modo se diminui o valor literário a poetas de grande merecimento como Diogo Bernardes, Álvares do Oriente, Rodrigues Lobo, etc. e se mancha a sua probidade. Precisa a glória de Camões de ser aumentada à custa de semelhantes expedientes? Decerto que não. Ele protestaria, sem dúvida, se visse, contra os seus fanáticos servidores (...)». E, ainda no mesmo artigo insiste na necessidade de investir no exercício editorial para efetivamente termos acesso ao texto camoniano mais rigoroso: «(...) Os modernos admiradores de Camões não comparam suficientemente; lêem principalmente o poeta, e não estudam bastante os seus predecessores, os mestres com os quais aprendeu; não estudam bastante os contemporâneos sucessores, porque tudo isto é preciso. É por isso que eles imaginam que uma poesia de Camões é um fenómeno à parte, que não se confunde com coisa alguma. Isso não é verdade. Por muito elevado que seja o seu engenho, por muito especial que seja a sua poesia, não é menos certo que ela procede dos seus antecessores; é sobre os fundamentos, lançados por estes, que ele trabalhou, que ele estudou e produziu, imitando-os. Não é possível achar uma diferença absoluta, que separe as poesias líricas de Camões das dos seus predecessores de um modo claro e frisante. Camões legou-nos maiores obras, em que o pensamento é mais profundo, em que o sentimento é mais vivo e vibra sobre cordas mais variadas, em que a arte é mais completa, realizando a harmonia das formas, tudo isto imprime às suas poesias um cunho especial, mas, e isto importa muitíssimo, nem todas têm esse cunho, e nem todas o têm no mesmo grau» (MICHAËLIS DE VASCONCELLOS, Carolina. O texto das *Rimas* de Camões e os Apócrifos. *Revista da Sociedade de Instrução do Porto*, 2, 1882. p. 105-125. Republicado em C. Michaëlis de Vasconcellos, *Dispersos Originários Portugueses, Estudos camonianos*, 3. Lisboa: Revista 'Ocidente', 1972. p. 7-24. Disponível em: <<http://purl.pt/30175>>).

²⁶ Com o seu pioneiro estudo *A lingua portuguesa*, Adolfo Coelho inaugura os estudos da filologia científica em Portugal (COELHO, Adolfo. *A lingua portugueza: phonologia, etymologia, morphologia e syntaxe*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1868. Disponível em: <<http://purl.pt/141/1>>). Ele próprio o reconhece: «Em 1868 publicamos nós um escripto intitulado *A lingua portugueza*, que embora muito imperfeito, foi reconhecido como inaugurando em Portugal o estudo scientifico da lingua, segundo o methodo criado na Alemanha», quer dizer a Filologia Românica – por F. Diez. Praticando de algum modo o método comparatista, elimina a «celtomania», que ainda vigorava no início do século XIX, comprovando que a língua portuguesa é filha da latina (a observação encontra-se no seu estudo dedicado a *Alexandre Herculano e o ensino público*, Lisboa: J. A. Rodrigues & Ca, 1910). Considerará que a *Filologia* terá como objecto central a literatura, distinguindo-se assim da *glotologia* ou *glótica*, que teria como centro de interesse a língua. Assim se exprimia: «*Philologia* propriamente dicta é o conjuncto de conhecimentos que se referem á litteratura d'um ou mais povos e á lingua que serve de instrumento a essa litteratura, considerados principalmente como a mais completa manifestação do espirito d'esse povo ou d'esses povos». E ainda: «Por philologia portugueza deve pois entender-se o estudo dos monumentos litterarios da lingua portugueza sob todos os pontos de vista». Evitando o equívoco, dirá que a «*linguistica*, ou *glottica* ou *glottologia*, a

Não será, por isso, de estranhar que, embora na Alemanha, o primeiro contacto de Carolina Michaëlis com a cultura portuguesa tivesse começado com Camões (1873),²⁷ a sua contribuição para as comemorações do terceiro centenário do poeta, será assinalada pela publicação da edição crítica de outro poeta – Sá de Miranda – (Miranda 1885).²⁸ Mais ainda. Para o júbilo camoniano, previra a publicação justamente de poesia medieval, antecedente a Camões, com a edição do *Cancioneiro da Ajuda*. Não a tendo concluído a tempo, como planificara, foi com Sá de Miranda que solenizou o épico.²⁹

que também se chamou philologia comparada, é o estudo científico das línguas. A glottologia (empregaremos de preferença esta denominação) não tem por fim o estudo das línguas como meio para o estudo das literaturas: a glottologia estuda as línguas por ela mesmas» (COELHO, Adolfo. *Curso de litteratura nacional para uso dos lyceus centraes*, vol. II: *Noções de litteratura antiga e medieval como introdução à litteratura portugueza*. Porto: Magalhães & Moniz Editores. 1881. p. 1-2-9). J. Leite de Vasconcellos, por seu lado, nota: «Há também quem tome *Filologia* na acepção de *Glottologia*», mas a Filologia estuda preferencialmente a língua e secundariamente a Literatura: «entendo de ordinário por FILOLOGIA PORTUGUESA o estudo da nossa língua em toda a sua amplitude, no tempo e no espaço, e acessoriamente o da literatura, olhada sobre tudo como documento formal da mesma língua» (VASCONCELLOS, José Leite de. *Lições de Filologia Portuguesa*, 4ª ed., enriquecida com notas do Autor, prefaciada e anotada por S. da Silva Neto. Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1966. p. 8, 9).

²⁷ MICHAËLIS Carolina. *Os Lusíadas de Luiz de Camões. Nova edição segundo a do Visconde de Juromenha / conforme a segunda / publicada em vida do poeta / com as / estancias desprezadas e omittidas na primeira / impressão do poema / e com lições varias e notas*. Leipzig: F. A. Brockhaus, 1873.

²⁸ Assim o confessa nos comentários ao *Cancioneiro da Ajuda*: «O primeiro tributo às comemorações camonianas foram as *Poesias de Francisco Sá de Miranda*, cujo texto se achava impresso [1880], posto que sahisse á luz sómente annos depois [1885]» (MICHAËLIS DE VASCONCELLOS, Carolina. *Cancioneiro da Ajuda*. Edição crítica e commentada, 2 vols., Halle: Max Niemeyer, II, 1904, p. 54, n. 3. Reimp. anastáticas: Torino, Bottega di Erasmo: 1966.; Hildesheim-New York, Georg Olms: 1980.; Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1990.). Sá de Miranda possuía um amplo legado textual, comparando-o com a maior parte da tradição manuscrita portuguesa, e não é surpreendente que estes testemunhos múltiplos lhe oferecessem matéria para a edição crítica mirandina (MIRANDA, Francisco de Sá de. *Poesias de Francisco de Sá de Miranda*. Edição feita sobre cinco manuscritos ineditos de todas as edições impressas acompanhada de um estudo sobre o poeta, variantes, notas, glossário e um retrato por Carolina Michaëlis de Vasconcellos, Halle: Max Niemeyer, 1885.).

²⁹ Mais de uma vez, têm sido citadas as suas descrições relativas às suas idas à Biblioteca do Palácio da Ajuda em Lisboa, como tem sido mencionado o tempo que demorou entre as primeiras consultas do manuscrito (1877) e a publicação da edição (1904). A fiolóloga anuncia que a edição do *Cancioneiro* estava prevista para as comemorações camonianas de 1880 no *Tributo ao Centenario de Luiz Camões*, com um *Prospecto* que comunicava a edição crítica do *Cancioneiro da Ajuda*, acompanhada de variantes, uma introdução, notas, glossário, índices e um fac. sim., Porto 1880 (MICHAËLIS DE VASCONCELLOS, Carolina. *Cancioneiro da Ajuda*. Edição crítica e commentada, 2 vols., Halle: Max Niemeyer, II, 1904. p. 54-55). A edição, que sairá apenas em 1904, anuncia *Texto, com resumos em alemão, notas e eschemas metricos*, não explicitando *variantes*, certamente por não ter tido acesso à totalidade das lições variantes dos *cancioneiros italianos*. A delonga, entre o anúncio e a publicação, tem sido elucidada pela mudança de projeto editorial, entre edição paleográfica e edição crítica, e pela imposição de incluir o testemunho dos *cancioneiros Coloccci-Brancuti e Vaticana*, que se encontravam em Itália (RAMOS, M. Ana. O *Cancioneiro ideal* de D. Carolina. In: *O Cancioneiro da Ajuda, cen anos depois*. Congresso Internacional, 25 a 28 de Maio 2004. Santiago de

Antes de Camões, portanto, estava documentada poesia culta escrita em português – em galego-português – e podemos, hoje, imaginar, o regozijo que Carolina Michaëlis poderá ter sentido com a descoberta emocionante dos cancioneiros e com a reaquisição de um *corpus* poético silenciado. O *Cancioneiro da Ajuda* tinha sido dado a conhecer em 1823 por Lord Stuart, o *Cancioneiro da Vaticana* em 1840 por Ferdinand Wolf e o *Cancioneiro Colocci-Brancuti* em 1875. Terá ainda o prazer de ter conhecimento da identificação das sete cantigas de Martin Codax, transcritas no *Pergaminho Vindel* em 1915.³⁰ Era deste modo que iniciava a sua reflexão sobre a descoberta das cantigas musicadas de Martin Codax: «Sou uma das pessoas privilegiadas que, como brinde, receberam essas preciosas reliquias de tempos ancestrales. Conhecendo e apreciando de ha muito o perfume campestre das ingénuas letrilhas escritas, nesta faixa occidental da península, do século XII...».³¹

Não nos esqueçamos que Almeida Garrett (1799-1854) redigira um balanço da produção poética portuguesa. Buscando textos fundacionais, concede espaço à invenção de uma singularidade poética intrínseca ao seu país. Garrett ideara na reedificação do romanceiro uma forma exclusiva de escrever poesia em Portugal, restaurando uma coerência e uma linha incessante na criatividade poética em língua portuguesa. É imbuído por este espírito que compõe o seu *Bosquejo da história da*

Compostela, Xunta de Galicia, 2004. p. 13-40).

³⁰ Efetivamente na revista *Arte Español. Revista de la Sociedad de amigos de arte*, año III, nº1, fev. 1914, foi publicado, sob o pseudónimo do livreiro Vindel, D. L. D' Orvenipe, «Las siete canciones de la enamorada. Poema musical por Martín Codax, juglar del siglo XIII», p. 27-31. Disponível em: <https://ddd.uab.cat/pub/artespSAA/artespSAA_a1914v3n1.pdf>. O artigo contém a reprodução facsímil de dois poemas e anota o grande interesse que possui aquela descoberta do ponto de vista musical. Um ano mais tarde, em 1915, Vindel dará a conhecer a integralidade com um facsímil do pergaminho. Notícias sumárias acerca de cada um destes testemunhos da lírica galego-portuguesa podem ser consultadas no *Dicionário de Literatura Medieval Galega e Portuguesa*. Organização e coordenação de G. Lanciani e G. Tavani. Lisboa: Ed. Caminho, 1993.

³¹ C. Michaëlis não deixou de reagir, logo em 1915, à publicação de Vindel, mencionando o número reduzido de exemplares: *Martín Codax: Las Siete Canciones de Amor. Poema musical del siglo XII*. Publicase en facsímil, ahora por primera vez, con algunas notas recopiladas por Pedro Vindel. Va acompañado de nueve fotograbados. Madrid, 1915. Tirada de muy pocos ejemplares para distribución privada, y sólo se ponen a la venta diez, al precio de 25 pesetas. Acabó de se imprimir esta obra en la Imprenta de la Sucesora de Al Míñuesa de los Ríos el día X de diciembre de MCMXV. Observe-se como o seu artigo menciona no título 'cantigas de amor' e não 'cantigas de amigo', ou 'paralelísticas', como, por vezes, as designava: «A propósito de Martim Codax e das suas cantigas de amor» (MICHAËLIS DE VASCONCELLOS, Carolina. A propósito de Martim Codax e das suas cantigas de amor. *Revista de Filología Española*, II, 1915. p. 258-273).

poesia e língua portuguesa com o cuidado de dar um esclarecimento aos leitores.³² É verdade que aludia aos primórdios poéticos com o trovador D. Diniz na advertência *A quem ler*:

«Sem dúvida é que a lingua portugueza começou com seus trovadores, unicos no meio do estrepito das armas que algum tal qual cultivo lhe podiam dar; e provavel é que assim fosse com pouco melhoramento até os tempos d'el-rei D. Diniz, que no remanso da paz de seu reinado protegeu e animou as letras, que ele proprio cultivou também».³³

No entanto, no seu inventário – é importante sublinhar –, maior é a relevância dada ao nome dos autores, do que aos títulos das suas obras. Contudo, nesta altura, bem sabemos como os cancioneiros medievais eram ainda pouco conhecidos, o que explica que as suas primeiras referências poéticas remontem ao séc. XVI com Gil Vicente, Bernardim Ribeiro, Sá de Miranda, e não explicitamente à poesia trovadoresca medieval dos sécs. XII, XIII e XIV, como se a produção literária em português tivesse surgido apenas com os movimentos humanistas e renascentistas. Porém, a perceção poética das origens estava subjacente ao seu capítulo II: «Primeira epocha, litteraria; fins do XIII, até os princípios do XVI, sec.».³⁴

Não é impossível que Garrett tenha tido conhecimento de algumas das notícias que circulavam acerca da poesia medieval, mas é apenas o nome de D. Denis que surge no seu proémio, tal como será somente a denominação *D. Diniz*, em maiúsculas, que dará título ao poema, que Fernando Pessoa, não se distanciando de *Os Lusíadas* (canto III, 96-98), incluiu na *Mensagem*, cujo *incipit* apela precisamente para a escrita do cantar medieval, *Na noite escreve um seu cantar de amigo*.³⁵

Sabemos que em 1815 o manuscrito, que será designado depois como

³² «A minha primeira ideia quando intentei esta colecção foi dar ao público um extracto das melhores poesias de nossos clássicos. Reflecti depois que não seria ella completa, porque alguns generos ha que não tractaram aquelles illustres escriptores: e em tam rica litteratura como é a portugueza, pena fòra mostrar pouquidade e pobreza...» [p. i] (GARRETT, J. B. de Almeida. *Parnaso lusitano ou poesias selectas dos autores portuguezes antigos e modernos, illustradas com notas* [1ª ed.]. Paris, J. P. Aillaud. *O Bosquejo da historia da poesia e lingua portugueza* inicia-se com a *Origem da nossa lingua e poesia*, [p. vii]. Disponível em: <<http://purl.pt/25>>).

³³ GARRETT, J. B. de Almeida. *Parnaso lusitano ou poesias selectas dos autores portuguezes antigos e modernos, illustradas com notas* [1ª ed.]. Paris, J. P. Aillaud [*O Bosquejo da historia da poesia e lingua portugueza*, I, 1826. p. IX-X].

³⁴ *Ibidem*. p. X.

³⁵ PESSOA, Fernando. *Mensagem*. Lisboa: Parceria A. M. Pereira, 1934. p. [25]. Disponível em: <<http://purl.pt/13966>>.

Cancioneiro da Ajuda, descoberto na Biblioteca do Colégio dos Nobres, era referido, e havia já um projeto de publicação. No «Discurso contendo a Historia da Academia Real das Sciencias desde 25 de Junho de 1814 até 24 de Junho de 1815 por José Bonifacio de Andrada e Silva, Secretario da mesma Academia», era citado o projeto editorial para a divulgação do futuro cancionero ajudense:

«Animada do mesmo zelo, incumbio-se a Commissão de Lingua Portuguesa, de reimprimir o Cancioneiro de Resende; mas compilando-o em melhor ordem, e inserindo nos lugares competentes as Poesias de **outro mais antigo**, que existe manuscrito na **Livraria do Real Collegio dos Nobres**. Obteve para isso a Academia, do Governo destes Reinos, sempre amigo das Letras, e da gloria da Patria, hum Aviso para que se pozesse á disposição da Commissão este precioso manuscrito. Destes nossos Cancioneiros, e dos Romanceiros de Hespanha se vê, que nenhum Povo na Europa cultivou tanto, e tão cedo, como o das Hespanhas, esta nova Poesia de Trovas e Romances».³⁶

Carolina Michaëlis vinha assim demonstrar que, antes de todo este período de glorificação heroica centrada em Camões, Portugal gerara poetas – poetas cultos –, que se imbuíram da poesia cortesã, praticada sobretudo em meios galoromânicos. Eram poetas trovadores, leitores de outros poetas, *trobadors* e *trouvères*. Eram homens da corte, à volta do rei e da nobreza instruída.³⁷ Assim se podia compreender esta poesia áulica amorosa e satírica – *cantigas de amor* e *cantigas de escárnio e maldizer* – e assim se podia também entender nestes centros, régios e

³⁶ SILVA, J. Bonifácio de Andrada e. Discurso contendo a Historia da Academia Real das Sciencias desde 25 de Junho de 1814 até 24 de Junho de 1815. *Historia e Memorias da Academia R. das Sciencias*, Tomo. IV, 1816, Parte II, p. I-XXIX [p. XIV]. Disponível em: <<https://archive.org/details/historiaememori06libsgoog/page/n30/mode/2up?q=cancioneiro>>; <<https://babel.hathitrust.org/cgi/pt/search?q1=cancioneiro;id=hvd.32044092561836;view=1up;seq=4;start=1;sz=10;page=search;orient=0>>. Coloco em evidencia a referência ao cancionero que se encontrava nesta altura na Livraria do Colégio dos Nobres. C. Michaëlis chamou a atenção para esta notícia preliminar sobre as intenções de publicação do futuro *Cancioneiro da Ajuda*, que não se concretizará (MICHAËLIS DE VASCONCELLOS, Carolina. *Cancioneiro da Ajuda*. Edição crítica e commentada, 2 vols., Halle: Max Niemeyer, II, 1904. p. 4). Em 1823, foi então publicado em Paris, mesmo em tiragem limitada, por Charles Stuart De Rothesay. *Fragmentos de hum Cancioneiro Inedito que se acha na Livraria do Real Collegio dos Nobres de Lisboa*, Paris, Tipografia da Embaixada Britânica, 1823. Como se sabe, os nomes de trovadores foram revelados, apenas após a descoberta do *Cancioneiro da Vaticana* (1840) e do *Cancioneiro Colocci-Brancuti* (1878).

³⁷ O título do estudo do historiador A. Resende de Oliveira, *Depois do espectáculo trovadoresco* bem evidencia este ambiente cortesão, distinto e instruído, entre reis, magnates, clérigos, cavaleiros, etc. (OLIVEIRA, António Resende. *Depois do espectáculo trovadoresco. A estrutura dos cancioneros peninsulares e as recolhas dos séculos XIII e XIV*. Lisboa: Edições Colibri, 1994).

senhoriais, a inovação ibérica o acolhimento dado às *cantigas de amigo*. Diversamente do que poderiam aspirar os movimentos românticos com o panegírico ao génio popular – poderíamos lembrar as teorias, inicialmente propostas por Teófilo Braga – a produção literária em português tinha-se formado também com base na literatura culta europeia.³⁸

O texto literário passa então a ser concebido em Portugal – após as opiniões científicas de Carolina Michaëlis – como forma de expressão de certos núcleos sociais e o engenho artístico como representante da destreza de grupos cultos. Se a filóloga germânica já pressentia substratos provençais e franceses em muitas das composições trovadorescas ocidentais, hoje podemos comprovar diversos casos de cantigas galego-portuguesas, compostas com apoio em cantigas em língua *d'oc* ou língua *d'oïl*.³⁹

Estes textos fundacionais, essência poética em língua portuguesa, terão forte impacto nos meios científicos da romanística europeia, que passa a integrá-los no discurso geral sobre a circulação da poesia lírica.⁴⁰ Por outro lado, além dos estudos

³⁸ Teófilo Braga (1843-1924) é caracterizado pelos seus ideais positivistas, com importância significativa nos meios intelectuais portugueses da segunda metade do séc. XIX. No entanto, na fase inicial, Teófilo Braga deve ser definido como um pensador romântico, que se manifestou pelas particularidades espirituais do povo português, literatura, religião, arte, tradições, costumes. Foi neste contexto ideológico, marcado por forte patriotismo, que publicou *História da Poesia Popular Portuguesa* (1867); *Romanceiro Geral* (1867-69); *Contos Populares do Arquipélago Açoriano* (1869); *História da Literatura Portuguesa - Introdução* (1870).

³⁹ Estudos pioneiros referentes a estas conexões interpoéticas são os de A. Ferrari (FERRARI, Anna. *Linguaggi lirici in contatto: trovadors e trobadores. Boletim de Filologia (Homenagem a Manuel Rodrigues Lapa)*, XXIX, 1984. p. 35-58.; FERRARI, Anna. *Marcabru, Pedr'Amigo de Sevilha e la pastorella galego-portoghese. Studi provenzali 98/99, 'Romanica Vulgaria Quaderni'*, 16-17, a c. di S. Guida. L'Aquila-Roma, 2000. p. 107-130), seguidos pelos de Billy, Canettieri, Pulsoni, Rossell (BILLY, Dominique, CANETTIERI, Paolo, PULSONI, Carlo, ROSSELL, Antoni. *La lirica galego-portoghese. Saggi di metrica e musica comparata*, Roma: Carocci Editore, 2003). Podem também consultar-se a este propósito os dados, agora disponíveis na base de dados, *Littera. Sobre os Modelos Occitânicos e Franceses* (LOPES, Graça Videira, FERREIRA, Manuel Pedro et al. (2011-). *Cantigas Medievais Galego Portuguesas [base de dados online]*. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, FCSH/NOVA, 2011-. Disponível em: <<http://cantigas.fcsh.unl.pt>>).

⁴⁰ A publicação de Stuart, dando a conhecer esta primitiva lírica, motivara já os pioneiros da romanística. François-Juste-Marie Raynouard com a recensão a Ch. Stuart de Rothesay (*Fragmentos de hum Cancioneiro Inedito que se acha na Livraria do Real Collegio dos Nobres de Lisboa*, Paris, Tipografia da Embaixada Britânica, 1823), publicada no *Journal des Savan[t]s*. Par Académie des inscriptions & belles-lettres Gaston Bruno Paulin Paris, Institut de France, août, 1825. p. 488-495) e Friedrich Diez com idêntica resenha a Lord Stuart, no *Berliner Jahrbücher für Wissenschaftliche Kritik*, Februar, 1830. p. 161-172; 165-166. [Reed. em Friedrich Diez *kleinere Arbeiten und Rezensionen*, herausgegeben von Hermann Breyman, München, R. Oldenbourg, 1883].

sobre esta produção poética, é a relevância da apropriação e da reescrita de texto poético por autores posteriores em Portugal, no Brasil, ou na Galiza.⁴¹

Afonso Lopes Vieira (1878-1946), uma das figuras maiores da *Renascença Portuguesa*, não hesitará a recuperar, por exemplo, uma das cantigas de D. Denis, *Ai flores, ai flores do verde pino* (*Ilhas de bruma* 1917).⁴² Este seu entusiasmo pelo lirismo primitivo, entre muitos outros temas literários, é bem comprovado pela importante correspondência que manteve com Carolina Michaëlis, cientista que, naquele momento, em Portugal, mais examinava os primórdios literários em português.⁴³

É com esta dinâmica do retorno às origens que a Galiza se reencontrará com as *cantigas de amigo* e com vários poetas que se apoderarão dos textos medievais para a reescrita, para o traslado de nova poesia, e sobretudo para a assimilação da entidade das coleções medievais. A autenticidade de um digno tempo remoto depara-se com o eco temático das cantigas de Martin Codax, da ria de Vigo, da ermida de San Simón, de jovens de corpo delgado, entre tantos outros motivos, além do reconhecimento de *performances* com a adequação de técnicas formais (estrofes, paralelismos, rimas, *refran...*), que comparecerão nos poemas do *Neo-trobadorismo* no decurso dos anos trinta.⁴⁴

⁴¹ É com a revalorização dos elementos nacionais na Galiza que surge a voz em galego de Rosalía de Castro, *Cantares Galegos* (1863) e *Follas Novas* (1880). A recuperação do galego, como língua literária, e o descobrimento da poesia medieval estimula a eclosão do *Rexurdimento* (1880-1916) com Eduardo Pondal ou Manuel Curros Enríquez. A transição para o *Neo-trobadorismo* estava dada para se desenvolver por volta de 1930, sobretudo após a publicação dos três volumes das *Cantigas d'amigo dos trovadores galego-portugueses* (NUNES, José Joaquim. *Cantigas d'amigo dos trovadores galego-portugueses*. Ed. crítica. Coimbra: Imp. da Universidade, 3 vols., 1926-928 (Biblioteca de escritores portugueses. Série A). Reed. *Cantigas d'Amigo dos trovadores galego-portugueses*. Edição crítica, acompanhada de introdução, comentário, variantes e glossário por..., 3 vols. Lisboa: Centro do Livro Brasileiro, 1973).

⁴² É natural que, neste momento, se tenha verificado a emergência de um movimento cultural como a *Renascença Portuguesa*. Na cidade do Porto, manteve-se ativo durante os primeiros anos do séc. XX. A ele esteve subjacente um ideal nacionalista, associado tanto ao imaginário romântico do neo-garrettismo, como ao sebastianismo redentor (VIEIRA, Afonso Lopes. *Ilhas de bruma*. Coimbra: Of. Francisco Amado, 1917). À implantação republicana (1910) procurava-se inculcar certamente um patriotismo, imbuído de movimentos saudosistas (Jaime Cortesão, Teixeira de Pascoaes).

⁴³ O epistolário de C. Michaëlis de Vasconcellos em Coimbra (BGUC) conserva quase uma centena de documentos (cartas e bilhetes postais) a ela remetidos por Afonso Lopes Vieira.

⁴⁴ As formas de atualização da lírica trovadoresca na Galiza instauram-se de algum modo nos movimentos das vanguardas, integrando-as com a (re)leitura da poesia medieval recém-descoberta. Um movimento mimético praticado por autores como Fermín Bouza Brey (*Nao senlleira*, 1933; *Seitura* 1955); Álvaro Cunqueiro (*Cantiga nova que se chama ribeira*, 1933; *Dona do corpo delgado*,

Talvez mais inesperadamente é também no Brasil, incutido de movimentos modernistas, identitários e de reconhecimento geral pela sua multiplicidade histórico-cultural, que vamos deparar com inúmeros autores que, afastando-se de um passado colonial, reassumem o peso de uma tradição linguística com a escrita e com o canto poético medieval em galego-português. Não apenas uma reformulação saudosista, mas uma leitura, envolvida pelo fascínio da descoberta dos poemas medievais. Poderíamos considerar que as cantigas medievais, ao não estarem marcadas pelo reino colonial, impunham-se como uma gênese lírica legítima. Nome incontornável para o Modernismo brasileiro, como o de Mário de Andrade (1893-1945), não hesitará em reaver a poesia medieval, reescrevendo-a em várias das suas composições. Outros criadores, como Augusto Meyer (1902-1970), Guilherme de Almeida (1890-1969), Manuel Bandeira (1886-1968), Cecília Meireles (1901-1964), ou Hilda Hilst (1930-2004), não deixarão de se absorver por aquela originária – ou essencial – poesia concebida na mesma língua.⁴⁵

No entanto, este enlevo não se detém na Galiza ou no Brasil. Poetas portugueses, em particular, nos sécs. XX e XXI, vão também reler esta poesia, avivando-a e deixando-a exercer efeitos de substrato nas suas composições. Considerada como uma das mais importantes escritoras do movimento, que revolucionou a poesia portuguesa nos anos 60, Fiana Hasse Paes Brandão (1938-2007), com *Barcas Novas* (1967), recupera declaradamente as cantigas medievais de Joan Zorro, *En Lixboa sobre lo mar / barcas novas mandei lavrar* (B 1151^{bis}/1152, V 754) e *El-rei de Portugale / barcas mandou lavrare* (B 1153, V 755), transfigurando as barcas medievais em *barcas* que partem para a guerra colonial em África: *Lisboa tem suas barcas / agora lavradas de armas / Lisboa tem barcas novas / agora lavradas de homens*.⁴⁶

1950); Johán Vicente Viqueira (*Poemeto da Vida*, 1919 [1930]); Xosé María Álvarez Blázquez (*Poemas de ti e de min*, 1949). Cf. MARTÍNEZ PEREIRO, Carlos P.. *Mudan-s' os tempos e muda-s' o al*. A varia actualización da poesía trobadoresca no Brasil e na Galiza. In *Cantigas Trovadorescas da Idade Média aos nossos dias*, Ed. Graça Videira Lopes-Manuele Masini. Lisboa: IEM-Instituto de Estudos Medievais, 2014. p. 89-131.

⁴⁵ Uma análise da repercussão da poesia medieval no Brasil é facultada pelo estudo e antologia de M. do A. T. Maleval (MALEVAL, M. Amparo T. *Poesia medieval no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Ágora da Ilha, 2002).

⁴⁶ BRANDÃO, Fiana Hasse Paes. *Obra breve. Poesia reunida*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2017, [1967],

4. Pode assim ser considerado que a emergência da identidade literário-cultural, em Portugal, no Brasil e, de certo modo, na Galiza, ocorre praticamente nos mesmos períodos socorrendo-se, uns e outros, dos mesmos mecanismos entre história, textos, autores e críticos. Repare-se em Almeida Garrett (1799-1854) e na reassunção de textos fundacionais e identitários (*Miragaia, D. Branca, Camões, Frei Luís de Sousa*), em José de Alencar (1829-1877) com *Guarani* (1857) e *Iracema* (1865); Teófilo Braga (1843-1927) com a edificação de um imaginário nacional, sustentado pela nacionalização da literatura, elegendo a figura de Camões – um Homero, um Virgílio –, como símbolo da exaltação da *Pátria* e da grandiosidade do período quinhentista. Este construir de uma tradição nacional partiu deste ambiente idealista, porque a identidade precisa de memória. Pensando em Garrett, observe-se também o título do brasileiro Joaquim Norberto de Souza Silva (1820-1891) com as mesmas pretensões, outro *Bosquejo da História da Poesia Brasileira... Modulações poéticas, precedidas de um bosquejo da história da poesia brasileira* (1840-1841).⁴⁷ E, de igual modo, pense-se nas recuperações de Cecília Meireles no seu *Romanceiro da Inconfidência* (1953).⁴⁸

A produção literária trazia à *História* do país um modo de criar reminiscências, maneiras de escrever a memória, mas, sobretudo, maneiras de descrever um passado notável. Assim se transformava um *texto* – literário ou menos literário –, em um *documento*. Mas quem diz documento, diz *texto escrito*, dirá

2017. p. 31-32. No ensaio «Título de poema. Lugar de memória literária», referi, além deste caso, outros que ilustram esta substância instigante para a escrita da poesia contemporânea (RAMOS, M. Ana. Título de poema. Lugar de memória literária. In: Itziar López Guil, Dayron Carrillo Morell (Ed.). *El título del poema y sus efectos sobre el texto lírico iberoamericano*. 'Perspectivas Hispánicas', 46. Brussels: Peter Lang, 2020. p. 123-148). Outros exemplos da recuperação medieval em autores modernos e contemporâneos podem ser consultados em breve síntese (ROQUE, Ana R. Baião. *Vi Hoj'eu Cantar d'amor*. Ecos dos Cancioneiros Medievais na Poesia Portuguesa Contemporânea. In: *Cantigas trovadorescas: da Idade Média aos nossos dias*. Ed. Graça Videira Lopes - Manuele Masini. Coleção Estudos, n.º 14. Lisboa, IEM - Instituto de Estudos Medievais, 2014. p. 123-183).

⁴⁷ SILVA, Joaquim Norberto de Souza. *Bosquejo da História da Poesia Brasileira... Modulações poéticas, precedidas de um bosquejo da história da poesia brasileira*. Rio de Janeiro: Typ. Franceza, 1840-1841.

⁴⁸ MEIRELES, Cecília. *Romanceiro da Inconfidência*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1953. Os derrotados tornaram-se heróis da independência do Brasil. Correlativamente, pode reavaliar-se a elevação de Camões a herói. Uma visão crítica sobre os processos de nacionalização da literatura e da 'homerização' de Camões, é-nos facultada pelo importante estudo de C. M. Ferreira da Cunha (CUNHA, Carlos Manuel Ferreira da. *A Construção do Discurso da História Literária na Literatura Portuguesa do Século XIX*. Braga: Universidade do Minho. Centro de Estudos Humanísticos, 2002. p. 49-194).

memória histórica, mas dirá também tradição ficcional, mítica, lendária. Positivamente, os textos atestam realidades passadas, mas os textos também (re)constroem veracidades perdidas.

Talvez seja com esta diferença entre *testemunhar* e *construir*, que se edificam identidades literárias em Portugal no séc. XIX, que se (re)criam textos fundacionais, logo após a independência do Brasil em 1822 (*Camões, D. Branca*),⁴⁹ mas também com um anacrónico *Viriato*,⁵⁰ que se ressuscitam textos utilitários (*História do rei Ramiro... Lenda de Gaia*),⁵¹ e que se exaltam textos das origens (o lirismo primitivo, a epopeia...). Estes mecanismos não são, por certo, dissemelhantes do que ocorria no Brasil, ou na Galiza, nestas mesmas datas.

A identidade consubstanciou-se entre construções idealistas e testemunhos prenunciadores, mas foram monumentos, como as edições críticas e os contributos, principalmente de Carolina Michaëlis, que incluíram a produção literária em português no quadro dos movimentos estéticos, não apenas ibéricos, mas sobretudo românicos.

Artigo recebido em 13.07.2020

Artigo aceito em 01.08.2020

⁴⁹ *Camões*, o poema de Almeida Garrett, aborda episódios da vida do poeta e a composição do poema épico (GARRETT, João Baptista da Silva Leitão de Almeida. *Camões: Poema*. Paris: Livraria Nacional Estrangeira, 1825. Disponível em: <<http://purl.pt/16>>). Com *D. Branca ou A Conquista do Algarve* interessa-se pela relação entre cristã e mouros, o que quer dizer que Garrett recupera, ficcionando um relato identitário com a Infanta D. Branca Afonso, filha primogénita de Afonso III de Portugal e de Beatriz de Castela, e o seu idílio pelo mouro Aben-Afan, integrando este episódio na delimitação do espaço português com a conquista do Algarve (1248), o que simboliza delimitação definitiva de fronteiras (*D. Branca ou A Conquista do Algarve: Obra Posthuma De F. E. / João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett*, Paris: J.P. Aillaud, 1826. Disponível em: <<http://purl.pt/27>>).

⁵⁰ Além de várias publicações com o nome do herói ao longo do séc. XIX, Teófilo Braga, já no séc. XX, ainda retoma *Viriatho. Narrativa epo-historica* (Porto: Livraria Chardron, 1904), como um dos mitos fundacionais de Portugal, e como força que ainda deveria exercer na representação do sentimento do ser português. A publicação inclui-se justamente na coleção intitulada *Alma portuguesa*, porque a identidade portuguesa era anterior à romanização. E o próprio Garrett não se eximira também com o longo poema dedicado a *A caverna de Viriato* (GARRET, J. B. de Almeida, *Flores em Fructo*, Lisboa: na Imprensa Nacional, 1845 (Livro Primeiro, XVII. p. 72-93), Disponível em: <<http://purl.pt/33>>).

⁵¹ As narrativas linhagísticas, lidas por Almeida Garrett, sobre a fundação de Portugal (rei Ramiro, prévio ao primeiro rei de Portugal, Afonso Henriques) constituem um imaginário mítico, que vai perdurar, desde a ilustre casa da família da Maia, até à célebre família Pereira com o nome do herói D. Nuno Álvares Pereira (1360-1431), o Santo Condestável (RAMOS, M. Ana. *Hestorja dell Rej dom Ramjro de lleom...Nova versão de A Lenda de Gaia. Critica del Testo [Romània romana. Giornata di studi in onore di Giuseppe Tavanì]*, VII /2, 2004. p. 791-843).